

**COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA DA ÁFRICA**

RAFAEL DO PRADO CRUZ

**O EGITO ANTIGO NA PERSPECTIVA
HOLLYWOODIANA:
O Povo Negro que não estava lá**

Rio de Janeiro

2023



RAFAEL DO PRADO CRUZ

**EGITO ANTIGO NA PERSPECTIVA
HOLLYWOODIANA:
O Povo Negro que não estava lá**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em História.

Orientador(a): Prof. Alex Sandro Barcelos Côrtes, Me.

Rio de Janeiro

2023

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

C957 Cruz, Rafael do Prado

O Egito Antigo na perspectiva hollywoodiana : o povo negro que não estava lá / Rafael do Prado Cruz. - Rio de Janeiro, 2023.

59 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Alex Sandro Barcelos Côrtes.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Egito. 3. Racismo. 4. Cinema. 5. Branquitude (Branqueamento). 6. Hollywood (Califórnia, Estados Unidos). I. Côrtes, Alex Sandro Barcelos. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB-7: 5692.

RAFAEL DO PRADO CRUZ

**EGITO ANTIGO NA PERSPECTIVA
HOLLYWOODIANA:
O Povo Negro que não estava lá**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Me. Alex Sandro Barcelos Côrtes
Especialização em Ensino de História da África – Colégio Pedro II
Orientador

Prof. Dr. Rafael Lima Alves de Souza
Especialização em Ensino de História da África – Colégio Pedro II

Profª. Me. Jaqueline de Sousa Gomes
PPGCS-UFRRJ

Rio de Janeiro
2023

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha eterna namorada, Tatiana Fedozzi. Sem ela, esse trabalho jamais teria sido concluído, pois sempre esteve ao meu lado, sustentando as responsabilidades para que eu pudesse realizar as pesquisas e escrever este manuscrito. Expresso também minha gratidão aos amigos do podcast, Ken-oh e Pato, que pacientemente me acompanhavam nas madrugadas, ouvindo minhas ideias e compartilhando das minhas angústias com a escrita, além de contribuírem bastantes com suas falas. Da mesma forma, dedico meu agradecimento ao amigo Sérgio, um parceiro leal e um grande exemplo para mim, que acompanhou de perto minha evolução ao longo da jornada acadêmica e pessoal.

Não poderia deixar de mencionar a amiga Alessandra, sempre disposta a esclarecer minhas inúmeras dúvidas e a me auxiliar nos mais diversos assuntos. E, por fim, um agradecimento especial às três pessoas que não poderiam ficar de fora deste agradecimento. Meu filho, que eu seja sempre uma inspiração para você e minha avó e meu avô, pessoas que me proporcionaram uma vida maravilhosa.

“Não é a teoria pela teoria, mas teoria e prática.”

(Fred Hampton, 1969)

RESUMO

CRUZ, Rafael do Prado. **O Egito Antigo na Perspectiva Hollywoodiana: O povo Negro que não estava lá** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Especialização em Ensino de História da África – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho aborda uma das questões que contribuíram para a perpetuação do racismo globalmente: o apagamento histórico do povo negro nas representações cinematográficas do Egito antigo. A negação do protagonismo negro não se limita ao cinema, mas remonta a expressões artísticas do passado, encontrando sua manifestação na sétima arte. A análise centra-se em três longas-metragens: "Cleópatra" (1963), "Êxodo: Deuses e Reis" (2014) e "Deuses do Egito"(2016), todas produções hollywoodianas que contribuem para a representação embranquecida do Egito antigo. O estudo busca elucidar a perpetuação desses estereótipos e o impacto do apagamento da presença negra na construção histórica e cultural.

Palavras-chave: racismo; cinema; Egito; hollywood; embranquecimento.

ABSTRACT

CRUZ, Rafael do Prado. **O Egito Antigo na Perspectiva Hollywoodiana: O povo Negro que não estava lá:** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Especialização em Ensino de História da África – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023).

The present work addresses one of the issues that have contributed to the perpetuation of racism globally: the historical erasure of the Black population in cinematographic representations of ancient Egypt. The denial of Black protagonism extends beyond the realm of cinema, reaching back to artistic expressions of the past and finding its manifestation in the seventh art. The analysis focuses on three feature films: "Cleopatra" (1963), "Exodus: Gods and Kings," and "Gods of Egypt," all Hollywood productions that contribute to the whitewashed portrayal of ancient Egypt. The study aims to elucidate the perpetuation of these stereotypes and the impact of the erasure of Black presence on historical and cultural construction.

Keywords: Racism; cinema; Egypt; Hollywood; whitewashing

RESUMEN

CRUZ, Rafael do Prado. **O Egito Antigo na Perspectiva Hollywoodiana: O povo Negro que não estava lá**: 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Especialização em Ensino de História da África – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2023.

El presente trabajo aborda uno de los problemas que han contribuido a la perpetuación del racismo a nivel mundial: el borrado histórico de la población negra en las representaciones cinematográficas del antiguo Egipto. La negación del protagonismo negro va más allá del ámbito del cine, remontándose a expresiones artísticas del pasado y encontrando su manifestación en el séptimo arte. El análisis se centra en tres largometrajes: "Cleopatra" (1963), "Éxodo: Dioses y Reyes"(2014) y "Dioses de Egipto"(2016), todas producciones de Hollywood que contribuyen a la representación blanqueada del antiguo Egipto. El estudio tiene como objetivo dilucidar la perpetuación de estos estereotipos y el impacto del borrado de la presencia negra en la construcción histórica y cultural.

Palabras claves: Racismo; cine; Egipto; Hollywood; blanqueamiento

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 - Localização de onde foi encontrado possível origem de saída	15
Figura 2 - Representação do “Homem de Cheddar”	16
Figura 3 - O Banquete de Cleópatra	18
Figura 4 - A morte de Cleópatra	19
Figura 5 - Banquete de Cleópatra	20
Figura 6 - José e Jacó no Egito.....	21
Figura 7 - A atriz Jeanne d’Alcy – Primeira Cleópatra do cinema.....	22
Figura 8 - Cena do filme StarGate 1994.....	23
Figura 9 - Cena do filme "O príncipe do Egito" (1998)	24
Figura 10 - nomeados ao Oscar 2015.....	26
Figura 11 - Poster do filme Cleópatra (1963).....	29
Figura 12 - Poster do filme The Notorious Cleopatra	32
Figura 13 - Metropolitan Opera House no Lincoln Center em 1966 como Cleópatra na estreia mundial de Antônio e Cleópatra.....	33
Figura 14 - Jennifer Mogbock como Iras, Yanna McIntosh como Cleópatra e Sophia Walker como Charmian	34
Figura 15 - Poster do filme Êxodo: Deuses e Reis	35
Figura 16 - Acima o ator Chistian Bale (Êxodo: Deuses e Reis) e abaixo: Moises (O Príncipe do Egito)	36
Figura 17 - Parte do Elenco "Os Dez Mandamentos"	37
Figura 18 - Poster do filme "Deuses do Egito"	38
Figura 19 - Set, vestido de sacerdote "Lavando a mesa de oferendas pelo próprio Rei" na frente de Hórus.....	40
Figura 20 - Set e Hórus	40
Figura 21 - Última Ceia	41
Figura 22 - Crítica Daniel Schenker - Jornal O Globo	42
Figura 23 - Marvel dividia em fases.....	43
Figura 24 - Sala de cinema vazia para sessão de "Os Dez Mandamentos".....	46
Figura 25 - Cena de 'Os dez mandamentos'	47
Figura 26 - Cena do filme Cleópatra	54
Figura 27 - Cena do Filme Êxodo: Deuses e reis	55
Figura 28 - Cena do filme Deuses do Egito	55

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - O Egito Antigo: O povo branco que não esteve lá	14
1.1 - O Etnocentrismo nas artes plásticas	17
Capítulo 2 - O Cinema Entra em Cena	22
2.1 - #OscarsSoWhite, prêmios de consolação e o cala boca para o público	26
Capítulo 3 - O Egito Branco de “Cleópatra”, “Êxodo: Deuses e Reis” e “Deuses do Egito”	28
3.1 - Cleópatra (1963)	29
3.2 - As Cleópatra negras esquecidas	32
3.3 - Êxodo: Deuses e Reis	35
3.4 - Deuses do Egito	38
3.5 - O Fracasso de Bilheteria não está vinculado a falta diversidade	41
Capítulo 4 - A exclusividade da culpa não recaia apenas na indústria cinematográfica	48
Capítulo 5 - Cinema: um substituto na formação do conhecimento histórico	49
Conclusão	50
Proposta Pedagógica	51
Referências Bibliográficas	56

INTRODUÇÃO

O estudo em questão tem por objetivo evidenciar como a indústria cinematográfica estadunidense contribuiu para o “embranquecimento” do Antigo Egito e como essa prática contribuiu na construção de um imaginário histórico desta sociedade, para que esta tivesse em sua predominância apenas pessoas brancas.

Não obstante essa pesquisa pretende usar como exemplo três produções de anos distintos, sendo estes: Cleópatra (1963)¹, Êxodo: Deuses e Reis (2014)² e Deuses do Egito (2016)³. Os três longas-metragens se ambientam no contexto do Vale do Nilo e contêm em seu casting principal, atores e atrizes caucasianos retratando, não o Egito antigo, mas uma visão do que o cinema criou e que agora é perpetuado pelos EUA.

A necessidade deste trabalho, surgiu graças uma das aulas da pós-graduação. O debate em questão, dissertava sobre o embranquecimento da última rainha do Egito, Cleópatra. Mas ao invés de focar exclusivamente na soberana, esse escrito quis ir além e decidiu tratar não apenas da rainha egípcia mais do Egito como um todo.

Para realizar essa pesquisa sobre o embranquecimento do Egito Antigo, na indústria cinematográfica, foi usada como elemento a ser investigado. Afinal de contas, a sétima arte é dominada por homens brancos e muitos deles racistas e contribuiu para esse imaginário branco da terra do Nilo. O método comparativo foi utilizado, visto que ocorreu a análise de três filmes produzidos nos EUA.

A indústria cinematográfica há tempos realiza esse embranquecimento parcial do Egito Antigo. Parcial, porque ocorre na maioria das vezes no casting principal do filme, deixando o elenco de apoio geralmente mais mestiço. A esse fenômeno, damos o nome de “Whitewashing”, termo estrangeiro que poderia ser traduzido como “branqueamento”, a prática consiste na substituição de pessoas pertencentes a outras etnias, como negros, asiáticos e latinos por atores caucasianos, temos na indústria

¹ CLEÓPATRA. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Intérpretes: Elizabeth Taylor, Richard Burton. 20th Century Fox, 1963.

² ÊXODO: DEUSES E REIS. Direção: Ridley Scott. Intérpretes: Christian Bale, Joel Edgerton. 20th Century Fox, 2014.

³ DEUSES DO EGITO. Direção: Alex Proyas. Intérpretes: Gerard Butler, Nikolaj Coster-Waldau. Summit Entertainment, 2016.

vários exemplos de “Whitewashing”, é o caso dos filmes “Doutor Estranho⁴” (2016) e “Ghost in the Shell⁵” (2017), que em sua trama original tinham personagens asiáticos que em suas adaptações cinematográficas foram substituídos por atores ocidentais.

É importante salientar que este texto, não tem por objetivo negar a existência de pessoas brancas no vale do Nilo, mas sim questionar por que obras cinematográficas estadunidenses dão destaque apenas para atores caucasianos, quando na verdade poderiam escalar para seu elenco, atores e atrizes etnicamente mais semelhantes aos egípcios do antigo Egito.

A produção de um longa-metragem é uma empreitada financeiramente exigente, envolvendo diversos profissionais de diversas áreas para sua realização. Quando um enredo envolve elementos históricos, é designado um consultor para fornecer sua expertise sobre o momento histórico abordado na trama. Se toda produção de um filme é totalmente supervisionada por profissionais de diversas áreas, por que Hollywood continua indo na contramão e escalando para seu casting atores e atrizes caucasianos?

A resposta para essa pergunta está amarrada a vários elementos, mas o esteio é o racismo, que continua a permear a indústria cinematográfica estadunidense. Temos que lembrar que Hollywood é controlada por pessoas brancas, não apenas isso, foi fundada por elas em um país altamente racista.

Segundo Michelle Alexander, autora da obra “A Nova Segregação: Racismo e Encarceramento em Massa”, uma das raízes deste racismo no país pode ser traçada até século XVII quando ainda era uma colônia inglesa. No ano de 1675, na colônia da Virgínia, Nathaniel Bacon iniciou uma pequena revolta que ficou conhecida como “Rebelião de Bacon”. Originalmente nas colônias inglesas na América homens brancos e negros trabalhavam juntos. Vale observar que nem todos os trabalhadores negros eram escravizados, muitos eram contratados ou até mesmo livres, mas isso não significava que não existiam homens negros escravizados.

Nathaniel Bacon, decidiu se rebelar contra as elites das *plantations*, porque essas mesmas elites não apoiaram suas intenções de se apoderar de terras

⁴ DOUTOR ESTRANHO. Direção: Scott Derrickson. Intérpretes: Benedict Cumberbatch, Chiwetel Ejiofor, Rachel McAdams. Marvel Studios, 2016.

⁵ GHOST IN THE SHELL. Direção: Rupert Sanders. Intérpretes: Scarlett Johansson, Pilou Asbæk. Paramount Pictures, 201

indígenas. A resposta dele foi muito simples. Ele incitou alianças entre os trabalhadores brancos, negros e escravizados contra das elites das *plantations*.

Bacon não logrou êxito em sua rebelião, mas a mesma trouxe consequências que mudaram de vez as relações de trabalho e potencializaram as relações racistas dentro das colônias.

As elites temendo outra revolta com aliança multirracial, tiveram que tomar providências para que a mesma não ocorresse no futuro. A primeira mudança foi na dinâmica de dependência dos trabalhadores compulsórios não escravizados. A aposta foi na escravidão com maior intensidade focando no continente africano. Segundo Michele Alexander, em seu livro, uma das medidas adotadas foi “racial bribe” ou, suborno racial. A ideia era viabilizar algumas melhorias para os trabalhadores brancos pobres, para que esse benefício gerasse um distanciamento entre os escravizados negros e evitasse outra rebelião que juntasse brancos e negros.

Não é preciso explicar muito para entender que foi neste momento que a lógica racista tomou forma e veio a se perpetuar até a independência das treze colônias, passou pela guerra de secessão, se legitimou pelas leis Jim Crow e persiste até os dias atuais.

Seria surpresa achar que Hollywood não seria uma indústria racista. Afinal de contas, ela é fruto da sociedade estadunidense, logo é um reflexo desta mesma sociedade.

Antes de tudo é importante destacar que Hollywood virou sinônimo de cinema. A cidade, que é um distrito de Los Angeles, ficou mundialmente conhecida como capital dos filmes. Nela estão sediados os grandes estúdios cinematográficos.

A cidade acabou virando a “meca” do cinema norte americano “graças” a Thomas Edison. O inventor da lâmpada, tinha várias patentes nos EUA. Muitos dos materiais necessários para a produção de um filme, estavam sob a patente de Edson: *filme, câmeras, projetores e muitos outros equipamentos*⁶. Seu uso gerava um pagamento de royalties para Edson, devido aos direitos autorais, o que deixava as produções muito mais custosas do que já eram. A solução pra fugir das patentes foi rumar para o oeste, mais exatamente para Califórnia

Os primeiros grandes estúdios, como MGM, Paramount Pictures, Warner Bros e United Artists, foram fundados por homens brancos, vale destacar, que um dos

⁶ <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa>

fundadores da United Artists foi D. W. Griffith, que em 1915, dirigiu o polêmico, mas aclamado filme “O Nascimento de uma Nação⁷”, o longa que utilizou recurso de “blackface”, prática de pintar atores brancos de preto, e não apenas isso: exaltou a Klu Klux Klan. O objetivo do “blackface”, era criar estereótipos do povo negro e indiretamente negar-lhes papéis de destaque em filmes. Pessoas negras não tinham falas, para elas, cabiam apenas papéis de figurantes. Quando um personagem negro tinha uma fala (neste caso, nas cartelas escritas, visto que o cinema era mudo), ele na verdade era um ator branco, com sua pele pintada de preto. Vale destacar a fala da professora Janaina Oliveira, no círculo de palestras “Diálogos Ausentes” de 2016, ela aponta que no longa dirigido por Griffith, nas cartelas com diálogos de personagens negros as palavras eram escritas erradas, para reforçar os estereótipos contra o povo negro estadunidense.

Durante muito tempo hollywood construiu um imaginário cinematográfico apenas com pessoas brancas, independentemente de onde a trama se passava e qual sociedade retratava, atores e atrizes caucasianos interpretavam qualquer etnia e essa prática perdura até os dias atuais. O Egito Antigo, foi um dos muitos locais onde ocorreu esse “imperialismo cinematográfico”, onde se apaga a história étnica da população local e a substitui por pessoas brancas. Não apenas isso, de uma forma indireta se reescreve a história, uma vez que o público muitas vezes tem como referência histórica não livros, mas filmes baseados em fatos históricos.

1 O Egito antigo: O povo branco que não estava lá.

Os estudos atuais são unânimes: O continente africano é o berço da humanidade e também da nossa civilização, junto com a mesopotâmia. O Egito antigo está localizado no nordeste do continente Africano, o país faz fronteiras com o Mar Mediterrâneo, com Israel e a sul com o Sudão. O rio Nilo, nome dado pelos gregos, “Neilos”, que significa “vale do rio” é um dos maiores rios do mundo, atravessando onze países africanos, desde a nascente do lago Victoria, no leste do continente, até a foz no Mar Mediterrâneo, no Egito⁸.

⁷ O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO. Direção: D.W. Griffith. Intérpretes: Lillian Gish, Henry B. Walthall, Mae Marsh. Epoch Producing Co., 1915

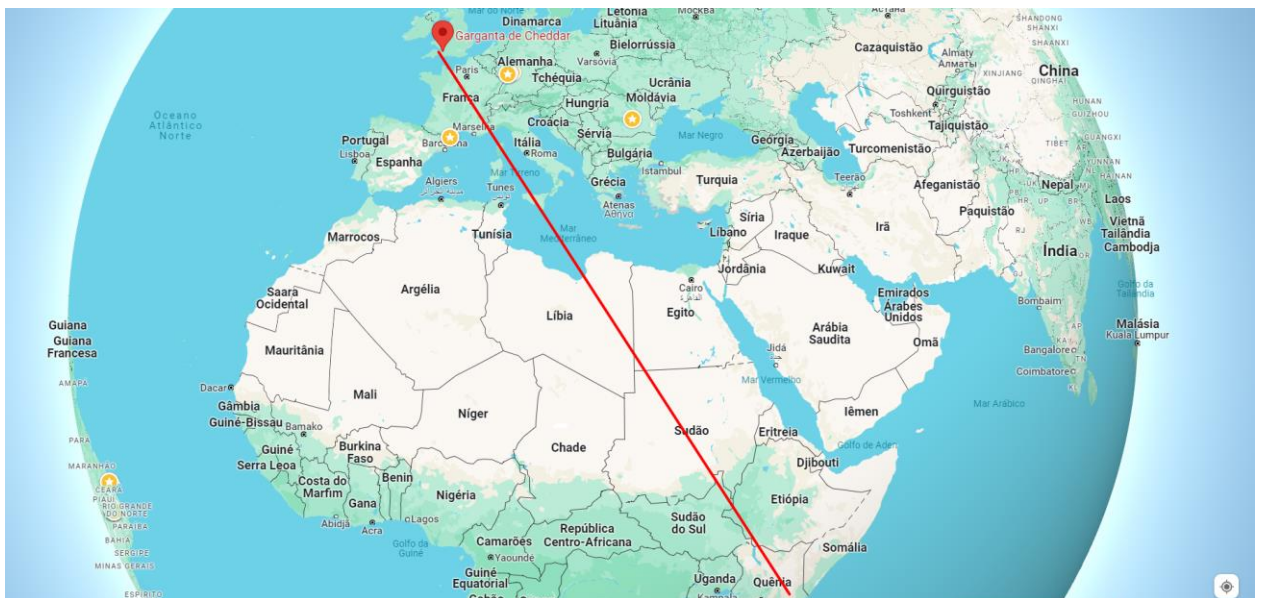
⁸ Asimov, Isaac, 1920-1992 Os egípcios / tradução de Luis Reyes Gil. – São Paulo: Planeta, 2021

No final da era mesozoica, marcada pela extinção dos dinossauros, teve início um novo ciclo de vida em nosso planeta, dando origem a era dos mamíferos. O Homo sapiens emergiu há pelo menos 200 mil anos, tornando-se a espécie que eventualmente povoaria o continente africano e daria início à primeira civilização na região do Egito. Esse momento crucial na história da Terra marcou a ascensão da humanidade, com o desenvolvimento de sociedades complexas e a formação dos alicerces da civilização egípcia.

Devido as condições climáticas da região, nossos primeiros ancestrais necessitaram de maior incidência de melanina em sua pele, devido a exposição de radiação ultravioleta causa pelo sol. A melanina é responsável por deixar a pele negra, que serve como proteção à radiação ultravioleta. Essa condição fez com que os primeiros humanos tivessem a pele negra.

Segundo estudos recentes⁹, o embranquecimento do Homo Sapiens se deu durante o período mesolítico e no próprio continente europeu. Há cerca de 10.000 anos atrás, viveu na região que hoje é a Grã-Bretanha o “Homem de Cheddar”, o esqueleto quase completo da nossa espécie já encontrada.

Figura 1 - Localização de onde foi encontrado possível origem de saída



Fonte: google mapas

⁹ https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/ciencia/1518024763_388356.html

O “Homem de Cheddar”, como ficou conhecido, foi encontrado na caverna de Gough, em Cheddar Gorge, em 1903, possui traços genéticos que remontam à África Subsaariana. É importante frisar que muitos dos sítios arqueológicos africanos encontram-se nesta região ou próximo dela.

Figura 2 - Representação do “Homem de Cheddar



Fonte: Representação do “Homem de Cheddar” renderizada por Kennis & Kennis exibida no documentário de televisão do Channel 4. The First Brit: Secrets of the 10,000 Year Old Man © Tom Barnes/Channel 4

Percebe-se neste estudo, que existem evidências contundentes que os primeiros humanos tinham a pele negra e que os primeiros habitantes da Europa também, vide o “Homem de Cheddar”. Esses indícios levam a acreditar que a população que se desenvolveu próximo ao Nilo, não era branca, mais sim negra. Fazendo com que no início desta civilização a maioria da sua população fosse negra.

Um dos mais importantes acadêmicos africanistas Cheikh Anta Diop, realizou análises com amostras de múmias que foram encontradas nas escavações de Marietta, no Egito¹⁰. Não vai se valer apenas das amostras referentes aos resquícios

¹⁰ DIOP, Cheikh Anta. “Origem dos antigos egípcios” in: História Geral da África, vol. II. Brasília: UNESCO,

de melanina nos corpos das múmias, vai muito além para defender a tese de que os antigos egípcios eram um povo com a pele negra

A pesquisa do professor Cheikh Anta Diop, se estende por referências na literatura da época, onde vários autores clássicos, entre eles Heródoto, descreve os egípcios como um povo de pele negra.

É, de fato, evidente que os colquídios são de raça egípcia (...) muitos egípcios me disseram que, em sua opinião, os colquídios eram descendentes dos soldados de Sesóstris. Eu mesmo refleti muito a partir de dois indicadores: em primeiro lugar, eles têm pele negra e cabelo crespo. (DIOP, 2010, 12)

Cheikh Anta Diop, não apresenta apenas a citação de Heródoto, ele seleciona dez trechos, de vários autores, que evidenciam os antigos egípcios como uma população de pele negra. Um desses autores referenciados é Aristóteles. O filósofo argumenta que os negros são covardes e como exemplo disso temos os egípcios e os etíopes¹¹.

Percebe-se que existem várias evidências que sustentam a existência de pessoas com a pele negra no Egito Antigo. Se o Egito Antigo era povoado por pessoas não caucasianas, porque Hollywood continua escalando atores e atrizes brancos para seu casting principal?

2 O etnocentrismo nas artes plásticas.

Quando a Europa ocidental despontou como potência política e cultural, começou a exportar para o mundo seu modo de vida e não apenas isso, pegou do resto do mundo sua cultura, conhecimento e história, tomando para si o que achava importante e o que não achava amaldiçoou conforme seu pensamento e vendeu para o resto do mundo seus preconceitos sobre as outras culturas.

O Egito Antigo aos poucos foi sendo moldado pela visão eurocêntrica ocidental. A rainha Cleópatra, por exemplo, começou a sofrer seu embranquecimento muito cedo no ocidente. Para ilustrar esse acontecimento, citarei três exemplos, ocorridos respectivamente nos anos de 1653, 1659 e 1744. A obra do Pintor Jacob Jordaens, *The Banquet of Cleopatra* (O Banquete de Cleópatra)¹², é uma famosa pintura

¹¹ DIOP, Cheikh Anta. "Origem dos antigos egípcios" in: História Geral da África, vol. II. Brasília: UNESCO, 2010

¹² <https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/47657>

inspirada em um relato do livro de Plínio, o Velho (23D.c, 79 D.c), “História Natural”. Na obra, a rainha do Egito deixa cair seu brinco de pérolas em um copo de vinagre, que se dissolve ao entrar em contato com o vinagre

Na pintura, Jordaens destaca Cleópatra no centro na imagem. Ela é uma mulher ruiva, com uma coroa europeia. Os personagens em volta dela são identificáveis: temos um possível guerreiro com indumentária romana, atrás dele, um homem com turbante, o que nos leva a pensar que seja um do oriente médio. A esquerda dele, temos um possível “bobo da corte” e o último homem é um negro, provavelmente um serviçal, visto que está servindo a rainha.

Figura 3 - O Banquete de Cleópatra

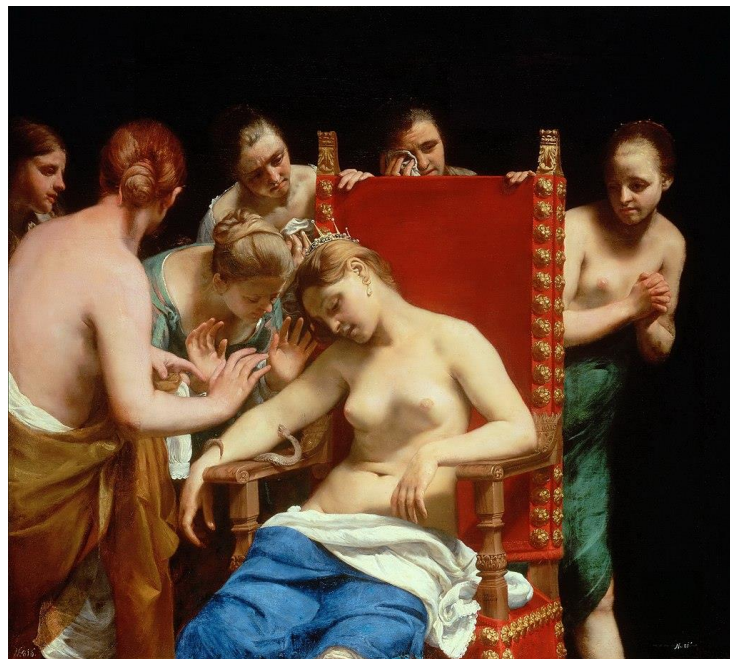


Fonte: The State Hermitage Museum

O pintor Guido Cagnacci, foi outro artista do século XVII, que retratou a soberana como uma mulher ruiva. Na obra, “The Death of Cleopatra” (A morte de Cleópatra)¹³, a rainha egípcia é retratada no centro da imagem. Ela está sentada em uma espécie de trono de cor vermelha, desnuda até a cintura, com os seios expostos, com apenas uma parte da roupa, com a tonalidade azul e branca na parte inferior de seu corpo. Aqui, Cleópatra não é apenas caucasiana, ela é ruiva, o que foge totalmente do biotipo de uma mulher egípcia. Em sua cabeça ela ostenta uma coroa nos moldes europeus.

À sua volta temos seis mulheres, duas delas estão com os seios à mostra, assim como a soberana egípcia. Todas estão com indumentárias típicas da Europa renascentista, não só isso, todas têm características europeias.

Figura 4 - A morte de Cleópatra



Fonte: Kunst Historisches Museum Wien

Em 1744, Giovanni Battista Tiepolo¹⁴, também expôs sua visão do famoso “Banquete de Cleópatra”. A Obra aqui é mais ousada que de Jordaens, porque o artista coloca ainda mais detalhes europeus em sua pintura. Nela, Tiepolo não economiza nos elementos europeus. Não apenas nas indumentárias como no cenário.

¹³ <https://www.khm.at/objektdb/detail/383/?offset=4&lv=list>

¹⁴ <https://www.ngv.vic.gov.au/explore/collection/work/4409/>

Figura 5 - Banquete de Cleópatra



The Banquet of Cleopatra (1743-1744) Giambattista TIEPOLO

O que esses artistas fazem é “sequestrar” Cleópatra, transfiguram a soberana egípcia. Apagam toda e qualquer raiz africana que ela tenha e a transformam em uma europeia, afinal de contas, uma mulher que é descendente de Ptolomeu, não pode ser africana.

O artista Jacopo Carucci¹⁵, em sua obra “José e Jacó no Egito”¹⁶, representa em uma única pintura quatro momentos distintos dos episódios finais de José e Jacó. No canto esquerdo da pintura temos um homem de turbante, esse homem é o Faraó, na visão de Carucci. Perceba que não apenas o faraó, como o Egito do artista, nada

¹⁵ <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/pontorno-joseph-with-jacob-in-egypt>

¹⁶ <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/pontorno-joseph-with-jacob-in-egypt>

têm a ver com a realidade do país africano. Jacopo Carucci, também enxerga o mundo pela lente do etnocentrismo. Ignora a história do povo egípcio e sua geografia.

Figura 6 - José e Jacó no Egito



Fonte: The National Gallery

As artes não foram influenciadas apenas pelo etnocentrismo, o eurocentrismo também influenciou as visões dos artistas e do povo europeu por muito tempo. Essa visão europeia de mundo evoluiu para uma visão ocidentalista.

Todo esse imaginário formado pelas artes evoluiu de acordo com as mudanças geopolíticas. O cinema herdou das artes plásticas esse imaginário do Egito tomado por brancos.

3 O Cinema Entra em Cena.

O cinema tem um poder enorme de potencializar qualquer coisa. Seja para o bem ou para o mal. Quando os irmãos Lumière, desenvolveram o cinematógrafo eles sem saber criaram uma máquina de criar sonhos. Mas os Lumière não estavam sozinhos na empreitada. Enquanto seus registros eram mais documentais, visto que contrataram pessoas para viajarem e filmarem vários locais espalhados pelo mundo, Georges Méliès, foi por caminho totalmente diferente.

Georges Méliès, um dos pioneiros do cinema, presenteou o mundo com aquele que pode ser o primeiro filme de ficção científica do cinema. *Le Voyage dans la lune* (Viagem à Lua). Mas antes disso, o diretor já desenvolvia outros filmes e foi Méliès, que realizou a primeira representação da rainha do Egito no cinema, em um filme 1899. *Cléopâtre*¹⁷. A atriz Jeanned'Alcy, foi a primeira Cleópatra do cinema.

Figura 7 - A atriz Jeanne d'Alcy – Primeira Cleópatra do cinema



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jeanne_d%27Alcy

Como o cinema foi inicialmente desenvolvido por franceses, não seria de se estranhar que a primeira Cleópatra, fosse uma mulher branca, europeia e francesa. Assim como as artes plásticas dos séculos anteriores imaginaram um Egito branco, o cinema agora vai chancelar essa ideia com suas produções potencializando esse imaginário.

Méliès, também foi um dos pioneiros em retratar o Egito Antigo em seu filme do início do século XX, influenciado pela Egiptomania. Na trama, um príncipe egípcio

¹⁷ <https://encurtador.com.br/pvKMT>

contrata um sacerdote para ressuscitar sua falecida esposa. O próprio Georges Méliès, dá vida ao sacerdote.

Com o passar do tempo, várias outras produções que têm o Egito Antigo e o povo egípcio como destaque surgiram nas telas de cinema. Ocorre que é importante ressaltar um detalhe. Toda vez que o Egito Antigo é protagonista da trama, o povo é retratado de acordo com os padrões de quem produz o filme. Agora, quando o Egito antigo não é o protagonista propriamente dito ele é apenas o destino dos personagens na trama, ele se torna o local exótico ou com ares místicos.

No longa StarGate¹⁸, do diretor Roland Emmerich, o Egito antigo é mencionado, mas não é palco da história e, portanto, não há espaço para a sabedoria acumulada pelos egípcios antigos. Na trama o Egito Antigo é “obra” de seres extraterrestres.

Figura 8 - Cena do filme StarGate 1994



Fonte: Stargate, filme de 1994

Percebe-se que a etnia dos egípcios e sua inteligência vão depender de como aquela sociedade será retratada. Nota-se desta forma o racismo estrutural que ocorre nas produções cinematográficas. Entretanto, não podemos achar que isso é uma regra. Por mais que tenhamos inúmeras produções, algumas tentam ser mais fieis que as outras, não significa que elas acertem por completo.

Exemplo disso é a animação “O Príncipe do Egito” (The Prince of Egypt)¹⁹. Esse filme produzido pela DreamWorks, lançada no ano de 1998, não só evidência que

¹⁸ Stargate: O Filme. (Diretor: Roland Emmerich). Centropolis Entertainment, 1994

¹⁹ . https://www.imdb.com/title/tt0120794/?ref=fn_al_tt_1

Hollywood tem noção que os antigos egípcios não eram brancos, como também demonstra a lógica racista da indústria cinematográfica estadunidense.

A coloração da animação para os personagens, nada tem a ver com outros filmes baseados na história de Moisés e a fuga dos judeus para terra prometida e com boa parte dos filmes que envolvem o Egito Antigo.

A produção da animação se cercou de vários especialistas nas diversas áreas do conhecimento humano. Especialistas bíblicos, teólogos, filósofos e educadores.²⁰

Percebe-se que uma produção cinematográfica não é um empreendimento barato, ainda mais quando envolve histórias mais complexas que necessitam de uma boa equipe de pesquisa para se desenvolver a trama.

Figura 9 - Cena do filme "O príncipe do Egito" (1998)



Fonte <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1796304-musical-o-principe-do-egito-levanta-questoes-sobre-diversidade.shtml>

Por mais que a produção do longa-metragem tenha se cercado de vários profissionais das mais diversas áreas para servirem como consultores, quando os realizadores escalaram o elenco de dublagem do filme, os artistas escolhidos foram em sua predominância brancos.

Por mais que a produção tenha acertado na etnia dos personagens para a animação, a escolha do elenco se volta para lógica racista da indústria. O elenco escalado para compor as vozes dos personagens não poderia ser mais caucasiano.

²⁰ <https://web.archive.org/web/20030329004351/http://assistnews.net/strategic/s0000023.htm>)

Atores e atrizes como: Val Kilmer (Moises e Deus), Ralph Finennes (Ramesés), Michelle Pfeiffer (Tzipporah), Sandra Bullock (Mirian). Quando pensamos em atores negros, no elenco temos Danny Glover (Jethro) e James Avery²¹ (como uma voz adicional). Temos que destacar que o ator James Avery era conhecido na época pois havia acabado de estrear uma série popular. The Fresh Prince of Bel Air (Um Maluco da Pesada). No popular site IMDB, na listagem do elenco, não aparece mais nenhum ator ou atriz negro compondo o elenco. Por isso reafirmo: por mais que se esforce em construir uma história fidedigna com a realidade, a produção demonstra a lógica racista da indústria cinematográfica estadunidense quando escala apenas atores brancos para os papeis de destaque.

Hollywood está cercada de superastros, em sua maioria atores e atrizes brancos. Mas temos muitos negros que poderiam compor o elenco da animação da DreamWorks. Porque não escalar Denzel Washington como Moises/Deus, Forrest Whitaker como Ramesés, a atriz Angela Bassett como Tzipporah, Halle Berry como Mirian? Atores negros à época não faltavam para compor o elenco do Principe do Egito.

A indústria cinematográfica estadunidenses continua a perpetuar essa lógica até os dias atuais. Se enganam os que acham que Hollywood mudou e que agora temos mais presença de personagens negros nas produções. A lógica capitalista só está aglutinando a luta para seus interesses, tirando o debate político dele e inserindo os ideais capitalistas no discurso.

Enquanto o capitalismo for o pensamento dominante e em consequência disso, pessoas brancas estiverem no topo da indústria cinematográfica, Hollywood ainda vai perpetuar seu racismo cinematográfico.

4 #OscarsSoWhite, prêmios de consolação e o cala boca para o público.

No ano de 2015, particularmente, a seleção de indicados nas categorias de Melhor Ator e Melhor Atriz foi caracterizada pela homogeneidade étnica. Nesse contexto, figuras notáveis como a atriz francesa Marion Cotillard e a britânica Rosamund Pike concorreram na categoria de Melhor Atriz, e suas companheiras de categoria compartilhavam da mesma ausência de diversidade²².

²¹ <https://www.imdb.com/title/tt0120794/> acesso em 8/08/2023

²² Ambas as atrizes são estrangeiras, demonstrado que até as indicadas não estadunidenses são brancas.

Essa uniformidade se estendia igualmente à categoria de Atriz Coadjuvante. A categoria de Melhor Ator apresentava uma composição semelhante, com a presença de dois atores estrangeiros, Eddie Redmayne e Benedict Cumberbatch, ambos britânicos, destacando ainda uma lista de indicados na categoria de Ator Coadjuvante composta inteiramente por intérpretes de etnia branca.

Figura 10 - nomeados ao Oscar 2015



Fonte: <https://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2015/noticia/2015/01/falta-de-diversidade-entre-indicados-ao-oscar-2015-causa-discussao.html>

Unindo as quatro categorias mencionadas, observa-se um conjunto total de 20 atores e atrizes de etnia branca concorrendo nas categorias principais da premiação. Essa situação se repetiu no ano subsequente, em 2016, quando novamente a lista de indicados era composta exclusivamente por intérpretes de ascendência branca.

Em 1929 foi realizada a primeira edição dos Prêmios da Academia, inaugurando a tradição dos Oscars. Ao longo das décadas subsequentes, até o ano de 2023, acumularam-se um total de 96 edições dessa prestigiosa cerimônia de premiação. No entanto, é notável e preocupante observar que em 51²³ dessas edições, não se registrou a presença de indicações concedidas a atores e atrizes negros, o que ressalta a

²³<https://www.termometrooscar.com/oscar-so-white-a-diversidade-em-88-ediccedilolidees-do-oscar.html>

persistente carência de diversidade no contexto das honrarias cinematográficas, representando aproximadamente 53,13% das edições. Esse tema tem sido objeto de discussão e crítica no âmbito da indústria do cinema.

Em 2017 a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas buscou corrigir as críticas anteriores ao conceder reconhecimento a filmes e artistas de origens étnicas diversas. Nesse contexto, "Moonlight: Sob a luz do luar" emergiu como um destaque notável, conquistando vitórias significativas nas categorias de Melhor Filme e Roteiro Adaptado. Além disso, um dos atores do filme, Mahershala Ali, recebeu o prêmio de Melhor Ator Coadjuvante. A atriz Viola Davis também recebeu o prestigioso prêmio de Melhor Atriz Coadjuvante por sua atuação no filme "Um Limite Entre Nós".

Denzel Washington, por sua vez, foi indicado na categoria de Melhor Ator, embora tenha perdido para Casey Affleck, em uma disputa que refletiu a diversidade de talentos no cinema nesse ano. Essa cerimônia marcou um ponto de inflexão em relação à inclusão e representatividade no Oscar, proporcionando um cenário mais aberto e inclusivo em relação às contribuições diversas dos profissionais do cinema.

Mas será que a academia realmente tomou consciência do problema que ela mesmo ajudou a criar? Seriam os anos após o OscarsSoWhite apenas um prêmio de consolação ou até mesmo um "cala boca" para os manifestantes? Porque no ano de 2020, apenas uma atriz negra, concorreu na categoria principal. Cynthia Erivo, indicada pelo filme Harriet, por melhor atriz.

Permanece uma questão digna de reflexão se a Academia de fato incorporou uma mudança substancial e duradoura após a conscientização das críticas associadas ao movimento #OscarsSoWhite. É plausível questionar se os anos subsequentes representarão uma resposta eficaz às preocupações levantadas ou se podem ser interpretados como uma reação pontual destinada a aplacar os manifestantes.

Como já apontado, apenas a atriz Cynthia Erivo, foi indicação na categoria principal de Melhor Atriz, pelo seu papel no filme "Harriet". Essa circunstância sugere que apesar de alguns avanços na representatividade, desafios persistentes em relação à diversidade no reconhecimento cinematográfico ainda podem existir. Portanto, permanece crucial avaliar de maneira crítica o progresso e as intenções da Academia em relação a essa questão complexa.

Até que haja um reconhecimento efetivo dos talentos dos atores negros, com atribuição de papéis de destaque e, sobretudo, até que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas efetue mudanças significativas em suas políticas e práticas, persistirá a

preocupação de que os artistas negros continuem a enfrentar marginalização nas cerimônias de premiação, e que o espaço em destaque continue a ser predominantemente reservado a atores de etnia branca. Este desafio enfatiza a necessidade premente de reformas substanciais em toda a indústria cinematográfica, visando assegurar a equidade e inclusão, bem como eliminar qualquer vestígio de racismo que ainda possa persistir.

5 O Egito Branco de “Cleópatra”, “Êxodo: Deuses e Reis” e “Deuses do Egito”

Antes de analisar as três produções cinematográficas é importante evidenciar alguns pontos de extrema importância. Hollywood, como qualquer indústria, passa por ciclos na sua cadeia de produção. Os filmes que aqui serão debatidos, estão inseridos dentro destes ciclos.

“Cleópatra”, produzido durante a década de sessenta do século XX, faz parte de uma hollywood do Star system. Conhecida também como “Era Clássica” ou “Era de Ouro”. Nesta época, os atores eram o chamariz dos grandes estúdios para a divulgação dos filmes, as grandes estrelas da Hollywood Boulevard²⁴.

É neste contexto que o filme “Cleópatra”, protagonizado pelos grandes astros Elizabeth Taylor, Richard Burton e Rex Harrison, se insere em um mundo de espetáculo onde o astro de cinema é tudo. Esse Star System, não abarcava atores e atrizes negros.

Em Cleópatra temos um espelho da sociedade estadunidense da época. Os negros estão ali, fazem parte daquela sociedade, mas não os cabe o protagonismo.

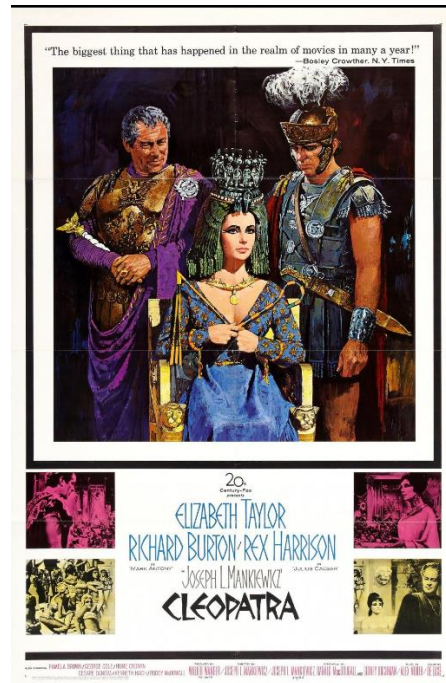
O mesmo ocorre nas duas produções mais recentes. “Êxodo: Deuses e Reis” e “Deuses do Egito”. Com uma leve diferença: enquanto em “Êxodo: Deuses e Reis”, não temos atores negros no elenco principal, fazendo com isso que o longa-metragem dirigido por Ridley Scott, seja um filme nos moldes de “Cleópatra”, “Deuses do Egito”, conta em seu elenco de apoio com uma estrela então em ascensão, o ator Chadwick Boseman, futuro Pantera Negra, no universo cinematográfico da Marvel/Disney.

Sendo assim, inicia-se neste escrito uma análise destas três produções em ordem cronológica, iniciando-se por “Cleópatra”, “Êxodo: Deuses e Reis” e “Deuses do Egito”.

²⁴ Referência a famosa calçada da fama em Hollywood Boulevard, Vine St, Los Angeles, CA 90020, EUA

6 Cleópatra

Figura 11 - Poster do filme Cleópatra (1963)



Fonte:

https://www.imdb.com/title/tt0056937/mediaviewer/rm3490841600/?ref=tt_ov_i

O filme Cleópatra, de 1963, é um dos grandes épicos cinematográficos de Hollywood. A atriz Elizabeth Taylor, tornou-se símbolo iconográfico para a rainha do Egito. Antes do filme dirigido por Joseph L. Mankiewicz, Hollywood já havia produzido duas outras produções. Uma 1917, onde a rainha do Egito foi interpretada por Theda Bara²⁵, e outra em 1934, quando foi a vez de Claudette Colbert²⁶ dar vida a soberana.

Ao longo deste trabalho já foi ressaltado o retrato de Cleópatra como uma mulher branca nas artes plásticas, como evidenciado na obra do pintor Jacob Jordaens. Na era do cinema a primeira representação da soberana ocorreu através da atuação da atriz Jeanned'Alcy. A princípio, para o ocidente, a Rainha do Egito nunca foi uma mulher negra, afinal de contas ela é de origem ptolomaica e se ela é descendente de gregos, ela não pode ser egípcia, e se não é egípcia, não pode ser negra.

²⁵ <https://www.imdb.com/title/tt0007801/>

²⁶ <https://www.imdb.com/title/tt0024991/>

Essa argumentativa é muito bem utilizada no longa protagonizado por Taylor quando a rainha está espionando Júlio Cesar (Rex Harrison) e seus companheiros, um deles, Agripa (Andrew Keir), lê para Cesar um dossiê sobre a rainha:

“Descendência macedônica, na verdade nenhum sangue egípcio admitido oficialmente. Conhecida por ser extremamente inteligente e sagaz. A rainha é muito instruída. Letrada em ciências e matemática ela fala sete línguas fluentemente. Se não fosse mulher, seria considerada um intelectual.”

Parece que ao longo do tempo houve uma tendência de ocidentalizar Cleópatra, possivelmente para evitar a representação de sua origem egípcia, que a classificaria como africana. O diálogo destaca uma progressão na fala de Agripa, ressaltando que Cleópatra, por ser grega, é percebida como excepcionalmente inteligente e perspicaz. Esta caracterização é reforçada pelo fato dela ser versada em ciências e matemática.

Falando em matemática, esta ciência exata começou a ser estudada na região da mesopotâmia e do Egito antigo. Segundo o texto “A História do Papiro de Rhind”, escrito por Luiz Calors Pitzer e Jeferson Delion Fávero.

Os papiros são uma das provas matemáticas mais importantes do Antigo Egito, mostrando de forma escrita, a habilidade desde povo em épocas tão primitivas. Entre estes papiros, destaca-se o de Moscou, Berlin Kahun e Rhind, todos eles são datados por volta de 2000 a 166 a.C. O papiro de Rhind ou Ahmes é um dos mais importantes registros (...) bem como demonstra conhecimento matemático existentes naquela época, possibilitando à humanidade, nos dias de hoje, entender a metodologia utilizada por eles. (Pitzer/Fávero,2017 página 79)

A descrição exaltada no dossiê dos conhecimentos matemáticos da rainha, levam a entender que eles só são possíveis graças a sua linhagem macedônica, não só eles, mas também os outros conhecimentos dela. No entanto, como demonstrado por Luiz Calors Pitzer e Jeferson Delion Fávero, os conhecimentos dos africanos egípcios, é antigo e está na base da formação da matemática.

Não conseguimos enxergar a cultura africana devido ao “historicídio”. A história do Egito em particular, foi muitas vezes desvinculada de suas raízes africanas. Desde que os europeus estabeleceram domínio sobre o Egito, o país passou a ser percebido de forma descontextualizada de sua herança negra. É importante ressaltar que essa separação do Egito Antigo não é um fenômeno recente. Conforme apontado por

Francisco Bethencourt em sua obra "Racismos: Das Cruzadas ao Século XX", o autor destaca:

Na sua carta a Mehmet II, Piccolomini elogiava os turcos como valentes guerreiros, supostos descendentes dos citas, mas difamava os sarracenos "viciados na imoralidade", os sírios "desonestos", os egípcios "afeminados", os árabes "fracos" e os africanos "nus", todos eles considerados pouco preparados para a guerra. (Bethencourt, 2018, página 71)

Percebesse por essa passagem que há muito tempo o Egito é visto como algo a parte do continente africano. Esse posicionamento só contribui para o embranquecimento da rainha Cleópatra, como também para o apagamento dela como uma mulher africana.

Afinal, Cleópatra é ou não egípcia? Esta não é uma pergunta de resposta fácil de elucidar, uma vez que diferentes sociedades podem adotar critérios distintos para essa classificação. Em Atenas, considerada o berço da democracia, a cidadania não era tão abrangente, especialmente ao definir quem seria considerado cidadão da Cidade-Estado.

A cidadania ateniense era restrita aos homens que fossem filhos de atenienses, maiores de idade e livres. Essa limitação evidencia que, mesmo em uma sociedade que preconizava a democracia, existiam restrições significativas na concessão da cidadania. No contexto atual, o Brasil adota o critério do nascimento no país para determinar a nacionalidade. Dessa forma, qualquer pessoa nascida no Brasil é considerada brasileira.

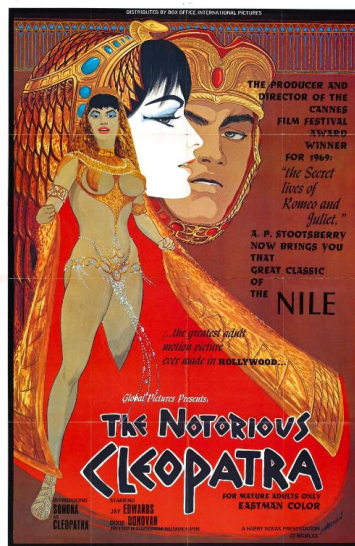
Ao observar essas diferentes abordagens ao longo da história e em diversas culturas, fica claro que a definição de identidade nacional pode variar consideravelmente. Por mais que exista sempre uma tentativa de desvincular Cleópatra do Egito alegando que a mesma é de linhagem ptolomaica, ela era conhecida como Rainha do Egito, nascida no Egito e oriunda de uma família soberana naquelas terras por três séculos.

6.1 As Cleópatra negras esquecidas

Mas é importante destacar que antes de toda polêmica e problematização acerca da etnia da rainha do Egito, existe uma produção dos anos 70, em que a soberana é retratada como uma mulher negra.

“The Notorious Cleopatra”, apresenta a atriz Loray White²⁷, como a rainha do Egito. Ocorre que o filme, por mais que tenha uma cleopatra negra, é um drama erótico. Neste caso temos a mulher negra ainda dentro de um estereótipo sexualizado.

Figura 12 - Poster do filme The Notorious Cleopatra



Fonte: www.imdb.com/title/tt0145132/?ref=fn_al_tt_1

No âmbito teatral havia uma ideia diferente das produções cinematográficas. Em 1966, três anos após a citada superprodução com Elizabeth Taylor, ocorreu a montagem teatral “Antônio e Cleópatra”, no Metropolitan Opera House. Quem deu vida a rainha foi a cantora Leontyne Price²⁸.

²⁷ www.imdb.com/title/tt0145132/?ref=tt_mv_close

²⁸ www.metopera.org/discover/archives/notes-from-the-archives/leontyne-price-a-legendary-met-career/

Figura 13 - Metropolitan Opera House no Lincoln Center em 1966 como Cleópatra na estreia mundial de Antônio e Cleópatra



Fonte: www.metopera.org/discover/archives/notes-from-the-archives/leontyne-price-a-legendary-met-career/

Essa prática se perpetuou no ramo. Em 2015 outra atriz negra interpretou Cleópatra: Yanna McIntosh²⁹, em 2016 a atriz Chantal Jean Pierre³⁰, assumiu o espetáculo. Em 2018, Sophie Okonedo³¹ e o ator Ralph Fiennes, deram vida a Cleópatra e Marco Antônio. Vale destacar aqui, que o ator Tunji Kasim³², um homem negro, interpretou ninguém menos que Júlio Cesar.

Essas mulheres negras, mesmo tendo interpretado a rainha Cleopatra com grande desempenho, são frequentemente esquecidas. Embora essa prática seja compreensível, dado que essas encarnações da soberana foram destinadas ao público teatral, isso também destaca a influência do imaginário construído por Hollywood, possuidora de muito maior potência de alcance.

²⁹ www.imdb.com/title/tt4144932/?ref=nm_knf_t_2

³⁰ www.americantheatre.org/2016/05/16/onstage-this-week-may-16-22/antony-and-cleopatra_cincinnati-shakespeare/

³¹ www.imdb.com/title/tt8672516/

³² Idem

Figura 14 - Jennifer Mogbock como Iras, Yanna McIntosh como Cleópatra e Sophia Walker como Charmian



Fonte: www.facebook.com/StratfordFestival/photos/jennifer-mogbock-as-iras-yanna-mcintosh-as-cleopatra-and-sophia-walker-as-charmi/10156347655292168/

Essas mulheres negras, mesmo tendo interpretado a rainha Cleopatra com grande desempenho, são frequentemente esquecidas. Embora essa prática seja compreensível, dado que essas encarnações da soberana foram destinadas ao público teatral, isso também destaca a influência do imaginário construído por Hollywood, possuidora de muito maior potência de alcance.

De 1966 a 2018, como demonstrado, várias atrizes negras interpretaram a última rainha do Egito, mostrando que Hollywood, caso quisesse, poderia ter feito um esforço para mudar de ideia em relação a escalação de seus elencos. Vale destacar um ponto importante aqui: Ignorando a fidedignidade história da Governante ptolomaica, a oportunidade de uma atriz negra de interpreta-la, em grandes produções cinematográficas sempre foi negada por causa do racismo que ocorre nos EUA.

O que podemos observar é que a atriz Elizabeth Taylor ficou marcada como a soberana egípcia ao ponto da interprete, ficar eternizada como a mesma e que a prática de embranquecimento de Cleópatra é antiga como já demonstrado nestes escritos. O longa-metragem de 1963, assim como outras produções que exaltaram o Egito Antigo, sempre privilegiaram atores brancos para serem os egípcios, afinal de contas uma grande civilização não pode ser negra.

7 Êxodo: Deuses e Reis

Figura 15 - Poster do filme Êxodo: Deuses e Reis



Fonte: www.imdb.com/title/tt1528100/mediaviewer/rm1243153664/

O filme Êxodo: Deuses e reis, do diretor Ridley Scott é mais uma das produções hollywoodianas que apresenta uma elite egípcia caucasiana. O longa é baseado no livro bíblico Êxodo, quando os hebreus guiados por Moises, fogem do Egito a caminho da terra prometida.

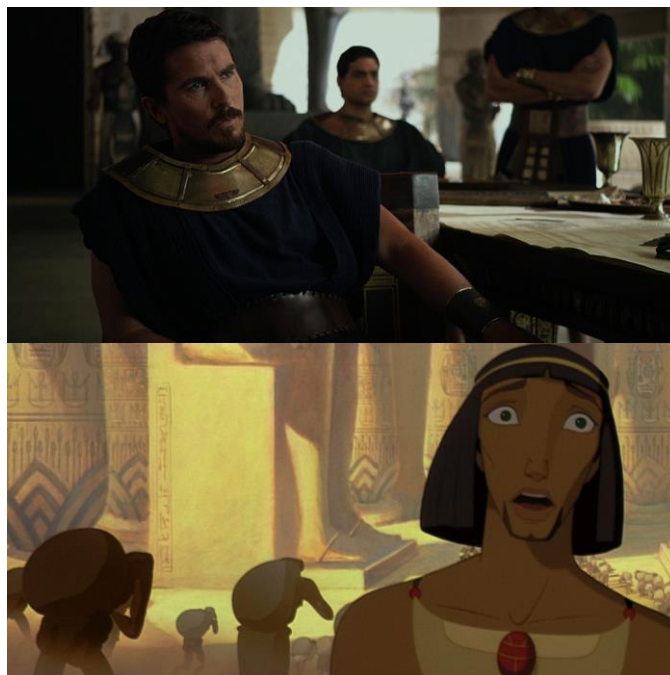
O elenco principal é composto por atores de várias nacionalidades. Christian Bale e Ben Kingsley, são britânicos. Sigourney Weaver, Aaron Paul e John Turturro, estadunidenses. Joel Edgerton e Ben Mendelsohn, são australianos. Maria Valverde é espanhola. Todos os atores são brancos e totalmente fora dos padrões do que seriam os egípcios da época. No elenco principal apenas duas atrizes se aproximam fisicamente do que seria o povo egípcio da época retratada. Indira Varma, que é uma atriz britânica com ascendência indiana e a atriz Golshifteh Farahani que é iraniana. Mesmo no elenco principal, suas participações não têm grande peso para trama.

Devido a escalação de um elenco majoritariamente branco, o diretor foi acusado da prática popularmente conhecida em hollywood pelo nome de “whitewashig”, Scott se defendeu argumentando que:

I can't mount a film of this budget, Where i have to rely on tax rebates in Spain and says that my lead actor is Mohammad so and so from such and such. I'm just not going to get it financed; So the question doesn't even come up³³.

A fala do diretor não é uma inverdade. É improvável que a indústria cinematográfica estadunidense conseguisse um orçamento no valor de R\$140,000,000 milhões de dólares³⁴ apenas com atores desconhecidos ou relativamente famosos, entretanto a fala do diretor tem uma grande falha. Diferente da época da produção do “Príncipe do Egito” que as grandes estrelas negras de cinema eram em menor escala frente a quantidade de atores e atrizes brancos, atualmente temos mais atores que poderiam ser escalados para “Êxodo: Deuses e Reis”.

Figura 16 - Acima o ator Christian Bale (Êxodo: Deuses e Reis) e abaixo: Moises (O Príncipe do Egito)



Acima, o ator Christian Bale, na produção “Êxodo: Deuses e Reis. Abaixo “O Príncipe do Egito” em ambas as imagens temos o personagem Moises(fotomontagem)

O outro grande problema na fala do diretor é devido ao modo como sua obra foi produzida. “Êxodo: Deuses e Reis”, presa por uma certa realidade. Filmes como

³³ “Não posso montar um filme com este orçamento, onde tenho que contar com descontos de impostos na Espanha, e dizer que meu ator principal é Mohammad fulano de tal e tal. Só não vou conseguir financiamento. Então a pergunta nem vem à tona.”

³⁴ www.the-numbers.com/movie/Exodus-Gods-and-Kings#tab=summary

Robin Hood, do diretor tem a mesma “pegada”. A produção de 2010 tinha o objetivo de contar a história do “príncipe dos ladrões” de uma forma mais histórica e realista. O mesmo ocorre com a saga de Moisés, mas quando os atores são escalados para a produção, a realidade do Egito Antigo é deixada de lado e a que permanece é a realidade racista da indústria.

Percebemos que a questão está ligada ao racismo quando observamos o mesmo problema na produção brasileira “Os Dez Mandamentos”, da Rede Record que também conta com um elenco branco para interpretar egípcios. Por mais que seja uma produção em escala menor, em comparação a um longa-metragem produzido por Hollywood, a lógica racista é a mesma.

Figura 17 - Parte do Elenco "Os Dez Mandamentos"



Fonte: vejasp.abril.com.br/coluna/tudo-cinema/pre-pa-ra-a-novela-8216-os-dez-mandamentos-8217-vai-virar-filme-que-sera-exibido-nos-cinemas

Por ser uma país tão racista quanto os EUA, o Brasil, por mais que tenha um bom número de atores negros conhecidos, não os têm em pé de igualdade com os atores brancos. E neste sentido ainda há um agravante. Enquanto nas produções cinematográficas estadunidenses a desculpa é não apostar em atores desconhecidos para uma produção milionária, no Brasil, prefere-se apostar em atores brancos conhecidos do grande público, mas que não são tão populares, ao invés de dar oportunidade para atores negros consolidados ou até para os iniciantes na carreira. Claro que isso ocorre também porque os filmes já cancelaram um Egito Antigo branco.

Por mais que “Êxodo: Deuses e Reis”, tenha passado por essa polêmica, claro que o Egito Antigo continuou tendo produções onde o elenco principal teve uma predominância branca. É o caso do filme “Deuses do Egito”.

8 Deuses do Egito:

Figura 18 - Poster do filme "Deuses do Egito"



Fonte: www.imdb.com/title/tt2404233/mediaviewer/rm1558610177/?ref=tt_ov_i

O filme "Deuses do Egito" (Gods of Egypt) de 2016 é um longa-metragem dirigido por Alex Proyas, com roteiro de Matt Sazama e Burk Sharpless. O elenco principal conta com Brenton Thwaites (Bek), Nikolaj Coster-Waldau (Horus), Gerard Butler (Set), Elodie Yung (Hathor) e Chadwick Boseman (Thoth).

Na trama do longa, Bek (Brenton Thwaites), um jovem mortal, une forças com o Deus Horus (Nikolaj Coster-Waldau) para recuperar seu trono, que foi usurpado pelo seu tio Set (Gerard Butler), antes que este acabe com a humanidade para alcançar seu objetivo de vida eterna.

A história desenvolvida pelos roteiristas tem como base a mitologia egípcia. No mito, Osíris, traído por seu irmão Set, é assassinado. Por pouco tempo sua amada esposa Isis consegue ressuscitá-lo para engravidar. Deste ato de amor nasce Hórus, que cresce e busca vingança contra seu tio Set.

O grande problema de “Deuses do Egito” não é que ele não tenha representatividade negra na população egípcia e entre os deuses. O problema é que

a grande maioria dos Deuses, com destaque na trama, como Osiris, Isis, Néftis, Rá, Hórus e Set são todos caucasianos. Osiris, Isis, Néfis e Rá, representados respectivamente pelos atores Bryan Brown, Rachel Blake, Emma Booth e Geoffrey Rush, são australianos, a provável escalação deles para o elenco, está ligada ao fato de todos os atores serem australianos e o longa foi filmado no país, buscando uma possível isenção fiscal³⁵, contratando um elenco local e com certa fama nos EUA e no mundo. Nikolaj Coster-Waldau, que interpreta Hórus, é originário da dinamarca e Gerard Butler (Set), da Escócia. Os dois únicos atores que teriam o biotipo de acordo com que seria o Egito Antigo, seriam o ator Chadwick Boseman (Set) e a atriz Elodie Yung (Hathor). Por mais que os atores não sejam egípcios, ambos são os que mais se aproximam do que eram os egípcios da época, mesmo que Chadwick seja estadunidense e a Elodie seja francesa.

A produção do filme começa em 2012, quando o diretor Alex Proyas, assume o projeto.³⁶ Nessa época, os primeiros atores escalados foram reflexo do que estava em auge na cultura pop, um exemplo disso foi o ator Nikolaj Coster-Waldau, na época estava em evidência na indústria por causa da sua participação na famosa série Game Of Thrones. Gerard Butler, ficou famoso pelo seu papel como rei Leônidas, no famoso filme 300, integra o elenco em 2013. Ainda em 2013, o ator australiano Brenton Thwaites é contratado para protagonizar³⁷ o humano que ajuda Hórus a recuperar seus olhos e lutar contra Set.

Os deuses egípcios nada mais são que representações do povo que os criou. Sendo assim, se os primeiros povos que surgiram na região do Nilo não eram brancos, temos um indício que seus Deuses também não eram, como pode ser percebido na representação do Deus Hórus, no Templo de Sete I, em Abidos. Desta forma fica evidente que a escolha do elenco do filme é baseada em vários fatores, mas a base destes fatores está solidificada no racismo.

³⁵ www.youtube.com/watch?v=PiU9BcYg7Oo&t=856s

³⁶ www.omelete.com.br/filmes/gods-egypt-diretor-de-pressagio-em-epico-com-deuses-do-egito

³⁷ www.omelete.com.br/filmes/gods-egypt-epico-sobre-deuses-do-egito-escolhe-seu-protagonista

Figura 19 - Set, vestido de sacerdote "Lavando a mesa de oferendas pelo próprio Rei" na frente de Hórus.



Fonte: www.flickr.com/photos/manna4u/13956279022/in/photostream/

Assim como os deuses gregos são representações do povo grego, e as divindades ioruba são a representação de seu povo, o mesmo ocorre com os deuses egípcios. As manifestações culturais de um povo nada mais são que representações do seu cotidiano. A vida diária é uma grande fonte de inspiração para a cultura.

Figura 20 - Set e Hórus



Fonte: www.flickr.com/photos/manna4u/13955839722/in/photostream/

Basta observar a pintura de origem chinesa abaixo, da famosa representação da "A última Ceia". Tanto os apóstolos como o próprio Jesus, o Cristo, são representados como se chineses fossem. Demonstrando desta forma a força que o etnocentrismo pode adquirir em determinadas culturas.

Figura 21 - Última Ceia



Fonte: sicutincensum.wordpress.com/2019/12/05/chinese-depictions-of-the-life-of-chris

8.1 O Fracasso da Bilheteria não está relacional a falta de diversidade.

“Deuses do Egito” não conseguiu cativar o público de uma forma geral. O filme não foi bem na bilheteria doméstica, Estados Unidos, nem na mundial. Quando o cinema está tomado por filmes de super heróis, fica muito difícil competir com essas grandes produções, até mesmo quando o filme não é bom em termos técnicos que é o caso de “Esquadrão Suicida”, que no Brasil foi um dos concorrentes de “Deuses do Egito” na disputa pelos ingressos.

Segundo José Maria Gomes de Souza Neto, em seu artigo, o longa metragem teria sido um fracasso devido a falta de diversidade, como ele afirma no seu escrito.

Apenas dois anos depois do lançamento de Deuses do Egito, o Pantera Negra, um filme de heróis da Marvel com elenco predominante negro, tornou-se um dos filmes mais vistos de todos os tempos. Ou seja: em termos étnico-raciais, Deuses do Egito praticamente já nasceu ultrapassado, e pagou por esse atraso em sua bilheteria. (Souza, 2019 página 22).

Souza Neto equivoca-se na sua escrita quando afirma que “Deuses do Egito” nasceu ultrapassado. O longa dirigido por Alex Proyas, não representa nada mais que um filme típico da indústria cinematográfica estadunidense.

Afinal de contas não se nasce atrasado quando se segue o padrão. É importante frisar que “Êxodo: Deuses e Reis”, produção já referenciada neste escrito é do ano de 2014. Logo “Deuses do Egito” é uma produção fruto do seu tempo, visto que a produção do mesmo é de 2012, anos antes do movimento “OscarsSoWhite”.

As críticas referentes ao filme não citam que o longa foi um fracasso devido a falta de um protagonismo negro.

Temos que lembrar que o tema de falta de representatividade está em evidência devido ao “OscarsSoWhite”, mas os comentários, pelo menos no Brasil, se valem de aspectos técnicos da produção e não da falta de um elenco negro, como demonstra o comentário do crítico Daniel Schenker, do jornal O Globo, do dia 26 de fevereiro de 2016.

Figura 22 - Crítica Daniel Schenker - Jornal O Globo

'DEUSES DO EGITO'

Muito efeito visual e pouco conteúdo

DANIEL SCHENKER

CINEMA CRÍTICA

Os primeiros minutos de “*Gods of Egypt*” (título no original), do diretor Alex Proyas, evidenciam certa fluência. O espectador acompanha o entrelaçamento das trajetórias de Horus (Nikolaj Coster-Waldau) — deus que vê o trono ser usurpado com violência pelo tio, Set (Gerard Butler) — e Bek (Brenton Thwaites), humano que, a partir de determinado momento, não mede esforços para trazer a namorada Zaya (Courtney Eaton) de volta à vida. Mas, conforme o esperado, o investimento nos efeitos especiais foi bem maior do que no roteiro, a julgar por frases como: “Eu vou te amar para sempre. A morte não é o fim?”

Mesmo assim, o espetáculo visual não salva o filme. A aposta num tradicional contraste estético entre tonalidades intensas (dourado, aver-

melhado) e fechadas (cinza chumbo) contribui para a sensação de monotonia. Ao longo da projeção, o público é massacrado por batalhas intermináveis. As tiradas de humor se revelam insatisfatórias e, portanto, não tornam o resultado menos aborrecido. A presença de um ator renomado como Geoffrey Rush também não minimiza os problemas desse entretenimento excessivo e dispensável. ●



SEM TRONO. Gerard Butler: um deus roubado pelo tio

Fonte: Acervo O Globo

Outro ponto que vale destacar é a comparação com a mega produção “Pantera Negra”. O longa-metragem da Disney foi um sucesso não apenas porque seu casting

é predominante negro, o mesmo é um sucesso por ser uma produção da Marvel nos cinemas. Os filmes da Marvel são organizados em fases, “Pantera Negra”, dentro desta organização está localizado na terceira fase. Logo o filme é popular entre o público e em sua bilheteria devido à expectativa de como sua trama vai influenciar dentro deste universo, visto que os filmes são conectados. Mesmo agradando a audiência, o filme ainda merece várias críticas, tendo em vista que coloca negros versus negros em sua trama.

Figura 23 - Marvel dividida em fases



Fonte: Acervo O Globo

A comparação com “Pantera Negra” e o argumento que a falta de um elenco negro ajudou no fracasso de bilheteria é um erro, quando analisamos o filme de 2022 “A Mulher Rei”³⁸. O longa protagonizado pela vencedora do Oscar, Viola Davis. O filme

³⁸ <https://encurtador.com.br/brxyQ>

amargou a 21 colocação da bilheteria do ano de 2022 no Brasil³⁹. Um dos apelos da atriz, na divulgação do longa na cidade do Rio de Janeiro, foi convidar o público para ir em massa assistir a produção, para demonstrar para indústria cinematográfica que a audiência almeja mais filmes como “Mulher Rei”⁴⁰.

“Mulher Rei” em termos técnicos é superior a produção “Deuses do Egito”, têm não só o protagonismo feminino, como étnico-racial. Mas infelizmente não caiu no gosto do público brasileiro, infelizmente. Seria na verdade muito bom que a baixa bilheteria no país estivesse relacionada a falta de um elenco étnico-racial, como afirma Souza. Porque demonstraria que o público brasileiro está mais atento às questões raciais e não só isso, que os colégios estariam abordando muito melhor a questão racial, mas infelizmente sabemos que não é esse o motivo.

“Deuses do Egito” Assim como “A Mulher Rei”, passam pelo mesmo problema. A competição com filmes de heróis e franquias de sucesso. Acabam não despertando interesse no público simplesmente porque não fazem parte de uma franquia e não trabalham com heróis famosos.

É importante salientar que Souza Neto ignora outro ponto quando menciona o fracasso na bilheteria. “Deuses do Egito” estreia junto de outros lançamentos com muito mais relevância e não só isso, compete também com filmes que já estavam em cartaz. Um exemplo disso é “Deadpool”. Desta forma, o filme sofre forte concorrência e ainda há o agravante de ter um péssimo roteiro com frases clichê.

Jose Neto Souza, ainda analisa de forma equivocada a bilheteria de “Deuses do Egito”. De fato, o filme não conseguiu êxito em sua bilheteria. Mas é importante salientar que alguns longas-metragens, por mais que não tenham um bom desempenho nas bilheterias, conseguem garantir uma continuação. Não é uma regra, mas pode acontecer.

Ele destaca a baixa bilheteria doméstica e mundial do filme e em seguida compara o filme com outro dois lançamentos. “Bem Hur”⁴¹ e “Os Dez Mandamentos”⁴². Argumenta que os dois filmes tiveram um maior destaque para o público brasileiro. É

³⁹www.boxofficemojo.com/year/2022/?area=BR&grossesOption=calendarGrosses&sort=rank&sortDir=asc&ref=bo_yld_resort#table

⁴⁰ Fato presenciado por Rafael do Prado, na cobertura do filme Mulher Rei, na cidade do Rio de Janeiro, no Hotel Copacabana Palace.

⁴¹ https://www.imdb.com/title/tt2638144/?ref_=nv_sr_srsq_3_tt_8_nm_0_q_Bem%2520Hur

⁴²https://www.imdb.com/title/tt5431016/?ref_=nv_sr_srsq_1_tt_8_nm_0_q_Os%2520Dez%2520Mandamentos

importante mais uma vez realizar uma análise mais profunda e crítica, porque José Neto Souza deixa passar algumas informações relevantes sobre as duas películas.

O cinema é, por definição uma arte colaborativa, que demanda todo um aparato tecnológico – uma realidade que está se alterando, é fato, mas que ainda é bastante presente na produção do grande cinema, em especial o hollywoodiano, que lida com cifras astronômicas e espera retornos idem. Neste particular, contudo, Deuses do Egito não se saiu bem: arrecadação nos Estados Unidos (31.153.464 de dólares) não chegou nem perto de cobrir o orçamento estimado em (140.000.000), valor só (magramente) compensado quando somado à arrecadação mundial (150.680.864)

Nas Salas de exibição brasileiras repetiu-se o padrão: com pouco mais de 4.000.000 de dólares arrecadados, o filme foi apenas o 42º lançamento do ano, ficando bem atrás de outros grandes títulos do cinemão norte-americano (em especial outro filme passado na Antiguidade, o Ben-Hur de 2016) e de vários do cinema nacional (em especial outro filme passado na Antiguidade, Os Dez Mandamentos). Ou seja: num ano em que as plateias brasileiras tiveram à disposição pelo menos três retratos do mundo antigo, Deuses do Egito foi o menos apreciado. (Souza, ano, 2019, páginas 22- 23)

A primeira delas é que por mais que “Ben-Hur” tenha superado as expectativas no Brasil, quando analisamos o “Box Office⁴³” doméstico do ano de 2016⁴⁴, percebemos que “Deuses do Egito se saiu muito melhor que o “Ben-Hur”. Se a análise for realizada com o “Box Office” mundial⁴⁵, a situação de “Ben-Hur piora ainda mais.

Esse é um ponto importante e relevante para análise até porque quando “Ben-Hur”, tem sua estreia nos cinemas nacionais em agosto de 2016, apresenta duas vantagens significativas. Uma dessas vantagens tem um impacto particularmente relevante no contexto brasileiro.

Além de ser um remake do famoso filme de 1959, protagonizado por Charlton Heston, a produção também conta com a presença do ator brasileiro Rodrigo Santoro em seu elenco, o que potencialmente a torna um atrativo significativo para a audiência, servindo como um forte incentivo à compra de ingressos. Desta forma o fato de o filme ter ido bem nas bilheterias nacionais pode ter uma influência destes dois pontos.

O destaque dado ao filme “Os Dez Mandamentos” Também encontra equívocos. O primeiro é sobre sua bilheteria nacional. Em matéria vinculada no site da Folha de São Paulo⁴⁶ a jornalista Gabriela Sá Pessoa ironiza a bilheteria do filme destacando:

⁴³ Termo em inglês para “Bilheteria”

⁴⁴ www.the-numbers.com/box-office-records/worldwide/all-movies/cumulative/released-in-2016

⁴⁵ www.the-numbers.com/box-office-records/worldwide/all-movies/cumulative/released-in-2016

⁴⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1759482-os-dez-mandamentos-bate-recorde-de-bilheteria-esgotando-salas-vazias.shtml>

Foram 11,205 milhões de bilhetes, segundo a distribuidora Paris filmes, com base em dados do site especializado “FilmesB”. Na contagem da Rentrak, que também analisa o mercado, ainda faltavam 50 mil bilhetes (0,4%) para o recorde.

Porém, o número não significa que o longa bíblico tenha sido visto por mais espectadores do que o filme de José Padilha, que fez público de 11,146 milhões em 2010.

Isso porque houve uma espécie de milagre da multiplicação dos ingressos: sessões oficialmente lotadas ostentavam poltronas vazias. (Pessoa Sá GABRILA, 2016, site do Jornal Folha de São Paulo)

Figura 24 - Sala de cinema vazia para sessão de "Os Dez Mandamentos"



Fonte: Gabriela Sá Pessoa/Folhapress

O outro equívoco é que assim com Deuses do Egito, não tem um casting “étnico-racial”, como destaca José Souza Neto, o longa-metragem bíblico da Rede Record, erra no mesmo ponto que as produções hollywoodianas. Não temos atores que sejam etnicamente parecidos com os antigos egípcios. Mesmo o Brasil sendo composto por 54% da população por negros e pardos.⁴⁷

⁴⁷ <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>

Figura 25 - Cena de 'Os dez mandamentos'



Fonte: oglobo.globo.com/cultura/filmes/diretor-defende-historia-universal-de-os-dez-mandamentos-18554121

Sendo assim, as observações feitas por José Neto sobre a bilheteria de "Deuses do Egito" não estão estritamente ligadas a questões raciais. Isso se deve ao fato de que o grande público geralmente não considera esse elemento como um critério determinante na escolha de um filme. Na realidade, o longa-metragem segue uma lógica característica do cinema estadunidense, que muitas vezes não destaca atores e atrizes negros. Quando esses artistas têm oportunidade, frequentemente são colocados em papéis estereotipados.

Como já mencionado, o filme só tem dois atores que seriam etnicamente parecidos com os egípcios antigos. Um deles é o já falecido Chadwick Boseman.

O ator na trama interpreta Thoth, que é o Deus da sabedoria na mitologia egípcia. Ocorre que Hollywood, ao destinar papéis para atores e atrizes negros, acabou criando um estereótipo para os personagens interpretados por eles. Muitos filmes têm o "Negro que precisa de um branco que o salve", exemplo disso é o filme ganhador do Oscar "Green Book". Outro Exemplo é o da "Mulher negra arretada", e um filme que ajuda a ilustrar esse estereótipo é "A Casa Caiu", protagonizado pela atriz Queen Latifah.

No caso de Boseman, o ator no longa representaria o "Negro Mágico". Filmes como "A espera de um milagre" e "O Todo Poderoso" simplificam bem a ideia junto com "Deuses do Egito".

O negro mágico geralmente ajuda o homem branco, aqui Thoth, ajuda Horous, ele é dotado de uma sabedoria, Thoth é o deus da sabedoria.

O ator poderia ser qualquer Deus Egípcio, mas como a indústria é solidificada no racismo estrutural, cabe a ele o papel estereotipado.

“Deuses do Egito” é o típico filme estadunidense com destaque para atores brancos e pouco espaço para atores negros.

9 A exclusividade da culpa não recai apenas na indústria cinematográfica.

Como já destacado parágrafos acima, o cinema tem o poder de potencializar histórias. E o imaginário que as pessoas têm sobre o Egito Antigo ser povoado apenas por pessoas caucasianas de certa forma possui ainda outro culpado: A academia. Para dissertar sobre esse tópico, vou focar apenas no Brasil.

Há trinta anos atrás o Governo Brasileiro assinou a Lei 10639/2003. A mesma estabelecia a obrigação para incluir no currículo a “História e Cultura Afro-Brasileira”⁴⁸. Acontece que a lei sempre foi ignorada nas escolas, afinal de contas os professores não possuíam condições para implementá-las assim como muitas universidades do país. De acordo com uma pesquisa realizada por Suelaine Carneiro, no país sete em cada dez secretárias municipais de educação não cumprem a lei total ou parcialmente. Segundo os números, 71% das mais de mil secretarias que participaram da pesquisa não realizam nenhum projeto ou só realizam ações esporádicas⁴⁹.

Um dos motivos para que isso ocorra, está ligado ao “historicídio”. Que é junção das palavras história e homicídio, neologismo cunhados por Wallace de Moraes⁵⁰. A ideia ao criar o termo é denunciar os assassinatos cometidos na história. Esse assassinato figurativo é a exclusão de fatos históricos em livros didáticos, dos debates escolares e principalmente dos círculos acadêmicos e universitários não apenas do Brasil como do mundo todo.

Mas não é só o historicídio que contribui para tal problema. Porque os que querem estudar o assunto sofrem por parte da academia o epistemicídio. Boaventura

⁴⁸www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.

⁴⁹g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/13/sete-em-cada-10-secretarias-municipais-de-educacao-descumprem-lei-que-obriga-ensino-sobre-historia-e-cultura-afro-brasileira-nas-escolas.ghtml

⁵⁰otal.ifcs.ufrj.br/racismo-epistemico-colonialidade-do-saber-epistemicidio-e-historicidio/

de Souza Santos, que serviu de inspiração para Wallace de Moraes⁵¹, cunhou o termo juntando as palavras epistêmico e homicídio, dando assim origem ao seu neologismo. O conceito é muito simples. A negação de conhecimentos produzidos fora da academia e de grandes universidades.

Com isso, não temos produções acadêmicas suficientes, que poderiam chegar nos colégios por meio dos professores e dos livros didáticos. Todo esse movimento permite que quando as pessoas tenham contato com filmes, séries, livros ou qualquer produção cultural, não achem estranho verem um egípcio da época dos faraós etnicamente branco. O interlocutor não tem um estranhamento do fato porque essa informação não lhe foi dada por ninguém.

10 Cinema: um substituto na formação do conhecimento histórico.

Cada vez mais Hollywood conta a história do mundo através de seus filmes. A indústria cinematográfica estadunidense já realizou filmes sobre vários períodos históricos, que daria para montar um livro de história geral com várias de suas produções. O longa metragem que poderia inaugurar essa empreitada provavelmente seria o filme “A Guerra do Fogo”⁵², se os organizadores priorizassem a teoria evolutiva nesse grande livro cinematográfico.

Essas produções acabam ganhado muito mais atenção que os livros, primeiro por serem mais acessíveis. Diferente dos livros, que não ganham uma grande repercussão quando são lançados, alguns filmes recebem uma milionária campanha de marketing para sua divulgação.

O outro fator tem a ver com a linguagem. Diferente dos livros, que geralmente têm uma linguagem acadêmica e muitas vezes elitista, visto que não é feito para todos os públicos, o cinema é mais abrangente na sua comunicação. Por mais que a arte cinematográfica também tenha sua linguagem e essa não seja decifrável pelo público, visto que não é ensinado ao mesmo a interpreta-la, o filme ainda sim se torna mais atrativo e convidativo ao público.

Por isso o cinema é um substituto na formação do conhecimento histórico, porque ele substitui o livro e se torna fonte de informação para população. Para parte

⁵¹ Idem

⁵²https://www.imdb.com/title/tt0082484/?ref_=nv_sr_srsq_0_tt_8_nm_0_q_A%2520Guerra%2520do%2520Fogo

do público os filmes assumem o papel de fonte histórica e de fidelidade dos fatos, gera-se essa confiabilidade nos fatos mostrados nos filmes, porque diferente do livro, o filme apresenta para a audiência a imagem do período histórico que ele está retratando em tela.

O público dá a credibilidade para as produções hollywoodianas, para que as mesmas se valham do fato de estarem representando a realidade, visto que o filme é baseado em um fato histórico, logo alguns espectadores pressupõem que tudo que ele assiste no filme é a verdade transportada para tela grande do cinema.

Os filmes que apresentam fatos históricos, mesmo que esses não sejam baseados em uma história real, não alertam que são obras de ficção que pegam a realidade com inspiração. Exemplo disso é o filme “Resgate do Soldado Ryan”⁵³, por mais que ele retrate a invasão da Normandia, o mesmo não é uma história real. Não vem com um aviso advertindo o público que o filme é uma obra de ficção que usa de elementos reais para contar uma história fictícia. O mesmo ocorre com Cleópatra de 1963. A diferença é que este longa é baseado em eventos reais, mas é preenchido por licenças poéticas.

Conclusão

É importante destacar a fala de Ismail Xavier na obra “XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra. Acesso em: 23 fev. 2024. , 2005”: o autor se baseia no trabalho de Maya Deren para defender que a fotografia de um cavalo não é o próprio cavalo. Sendo assim um filme não é a representação da realidade ele é uma outra coisa.

Por mais que tenha elementos reais, o mesmo é apenas uma projeção da realidade, mas infelizmente o público se deixa ludibriar pelas imagens na tela. O filme, mesmo que não seja o evento histórico da época retratada, acaba deixando sua marca, muito mais do tempo em que é produzido do que do momento histórico que ele aborda.

Desta forma, ao passar dos anos, as produções fílmicas estadunidenses trouxeram em seu escopo o racismo estruturado naquela sociedade que ajudou - por

⁵³www.imdb.com/title/tt0120815/?ref =nv sr srsq 3 tt 8 nm 0 q soldado%2520ray

meio das suas produções culturais - a perpetuar e propagar o racismo para o resto do mundo, contribuindo para um imaginário branco do Egito Antigo.

É importante esclarecer que isso ocorre também porque nossas instituições escolares e acadêmicas, por não quererem ou não conseguirem se contrapor à potência de convencimento que Hollywood tem, acabam por contribuir para que o racismo se perpetue. Do contrário, o público melhor esclarecido não permitiria ou aceitaria que produções como Cleópatra, Êxodo: Deuses e reis e Deuses do Egito fossem como são.

Percebe-se com isso que o problema do racismo dentro da indústria cinematográfica faz parte de uma super engrenagem onde todos os setores são responsáveis e seria necessário que pelo menos o setor da educação estivesse fora deste maquinário para que o mesmo servisse como forma de resistência melhor dentro da sociedade.

Proposta Pedagógica

O docente de História tem um desafio na hora de elaborar suas aulas. Os conteúdos que estão presentes no livro são muitas das vezes superficiais, desatualizados ou até mesmo incompletos. Por consequência o professor é compelido a usar materiais extras para complementar as informações do livro e para deixar as aulas mais atrativas.

Os filmes e séries são ótimas opções para serem usados em sala de aula. Eles ajudam o docente a ilustrar o tempo histórico que está sendo apresentado para os alunos em sala de aula. Ocorre que ao mesmo tempo que filmes e séries são ótimos instrumentos didáticos, os mesmos podem se tornar uma armadilha para professores menos atentos.

Plano de Aula – Modelo para trabalho da Pós-graduação em Ensino de História da África / Colégio Pedro II

Pós-graduando: Rafael do Prado

Plano de Aula ou de Material

Disciplina: História

Nível de ensino: 2º Segmento do Ensino Fundamental

Ano/série: sexto ano

Duração: 60 minutos (em dois dias)

Tema:

O povo negro no Egito Antigo

Problema:

O povo negro que não estava lá

Objetivo Geral:

Explicar porque não pensamos na etnia dos primeiros habitantes do Vale Nilo e como Hollywood contribui para que essa problematização não ocorra.

Objetivo Específicos:

Evidenciar para os alunos o “apagamento” do negro no Egito antigo.

Demonstrar como os livros didáticos contribuem para o esquecimento étnico do povo negro.

Como Hollywood ajuda a reforçar esse esquecimento com suas produções.

Conceitos/Noções

Egito negro, filmes, racismo estrutural,

Conteúdos:

- **O processo evolutivo** (dissertar sobre o processo evolutivo e a importância da pele negra para esse processo).
- **Se os primeiros humanos eram negros, onde eles estão?** (Demonstrar como os livros não abordam tal assunto e como ele é uma arma de apagamento histórico)
- **O Racismo estrutural e o seu combate** (O que é o racismo estrutural? como combater? Qual o problema que o racismo estrutural traz para dentro da sala e como isso influencia o futuro e nosso dia a dia?)

Procedimentos e Estratégias

Usar as lacunas dos livros didáticos em paralelo com trechos do texto “Diop, C.A. A origem africana da civilização -Introdução e cap 1” para evidenciar para os alunos como os livros se encontram defasados e demonstrar como o protagonismo negro é “esquecido” pelos livros e como tal fato contribui para o racismo estrutural.

Recursos Didáticos

Projeto: imagens específicas dos filmes supramencionados.

O próprio livro didático (História sociedade & cidadania 6ºano)⁵⁴, o Texto “Capítulo 7 O Egito Antigo e o Reino de Kush”(.

Avaliações

Os alunos serão divididos em grupos e apresentaram propostas para uma atualização capítulo. A ideia é desenvolver o senso crítico dos alunos além de avaliar a compreensão deles sobre o assunto.

Objetivos

Esta proposta pedagógica tem alguns objetivos basilares. O primeiro: é instigar o debate racial acerca do Egito Antigo em sala de aula. Sabemos que as questões econômicas, sociais e políticas são temas que devem ser de conhecimento dos alunos, mas a questão racial também. Ela é importante, porque ajuda o discente a entender que a história não é protagonizada apenas por pessoas brancas, o debate racial do Egito Antigo é de extrema importância visto se tratar de uma sociedade que marca o início da história da África Antiga. O segundo objetivo é atualizar o conteúdo ministrado acerca da Terra dos Faraós. Como observado acima, os conteúdos em muitos livros didáticos de História não são atualizados, devido a tal fato é importante

⁵⁴ Boulos Junior, Alfredo História sociedade & cidadania 6ºano / Alfredo Boulos Junior – 3 ed – São Paulo: FTD, 2015

que professor esteja sempre preenchendo essas lacunas deixadas pelos livros didáticos. O terceiro objetivo é o mais importante: A atualização do próprio professor. Se o regente desta grande orquestra educacional não estiver atualizado os dois primeiros pontos não vão ser possíveis.

Essa proposta pedagógica é direcionada ao sexto ano do ensino fundamental, mas pode ser adaptada para os outros seguimentos. O docente vai selecionar três imagens dos filmes a seguir: Cleópatra (1963), Êxodo: Deuses e Reis (2014) e Deuses do Egito (2016). Após exibir as imagens para os alunos o docente vai realizar perguntas para os alunos que estarão divididos em grupos.

Perguntas:

- 1) Vocês sabem o momento histórico que as imagens estão representando?
- 2) Vocês têm algum incômodo ao observarem essas imagens?
- 3) Vocês acham que as imagens têm algum erro? Se sim quais são?
- 4) Porque vocês acham que essa prática não mudou?

Após as perguntas respondidas. O professor começará as explicações de como e porque hollywood aborda os filmes dessa forma. Deixando sempre claro para os alunos a importância da utilização do senso crítico e do conhecimento histórico.

Figura 26 - Cena do filme Cleópatra



Fonte: Imagem retirada do DVD do filme – acervo de coleção

Figura 27 - Cena do Filme Êxodo: Deuses e reis



Fonte: Imagem de Arquivo da internet

Figura 28 - Cena do filme Deuses do Egito



Fonte: Imagem retirada do DVD do filme – acervo de coleção

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, michelle, 1967 – A nova segregação: racismo e encarceramento em massa. 1 edição. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ASIMOV, Isaac, 1920-1992 Os egípcios / Isaac Asimov; tradução de Luis Reyes Gil. – São Paulo: Planeta, 2021.
- BETHENCOURT, F. Racismos : das Cruzadas ao século XX. Lisboa: Temas E Debates - Círculo De Leitores, 2015.
- DIOP, Cheikh Anta. “Origem dos antigos egípcios” in: História Geral da África, vol. II. Brasília: UNESCO 1983.
- GOMES DE SOUZA NETO, José Maria. “deuses do Egito (2016): uma narrativa fílmica da civilização branca”. **Revista TransVersos**, Rio de Janeiro, ed. 16, 23 ago. 2018. DOI <https://doi.org/10.12957/transversos.2019.44749>. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/44749>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- LUIZ, C.; PITZER; FÁVERO, J. A HISTÓRIA DO PAPIRO DE RHIND Rhind’s papiro history. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/228914748.pdf>>.
- XAVIER, Ismail. O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência. São Paulo: Paz e Terra. Acesso em: 23 fev. 2024 , 2005
- NEVES, Walter Alves. RANGEL Jr, Miguel José Rangel. MURRITA, Rui Sérgio S. (organizadores). Assim caminhou a humanidade. São Paulo: Palas Athena, 2015.

Referências de Sites.

- https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/ciencia/1518024763_388356.html
- <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cinema-em-hollywood-a-historia-completa>
- <https://www.hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/47657>
- <https://www.khm.at/objektdb/detail/383/?offset=4&lv=list>
- <https://www.ngv.vic.gov.au/explore/collection/work/4409/>
- <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/pontormo-joseph-with-jacob-in-egypt>
- <https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/pontormo-joseph-with-jacob-in-egypt>
- <https://encurtador.com.br/pvKMT>
- https://www.imdb.com/title/tt0120794/?ref=fn_al_tt_1
- <https://web.archive.org/web/20030329004351/http://assistnews.net/strategic/s0000023.htm>)
- <https://www.imdb.com/title/tt0120794/> acesso ocorrido no dia 8/08/2023

<https://www.termometrooscar.com/oscar-so-white-a-diversidade-em-88-ediccedilotidees-do-oscar.html>

<https://www.imdb.com/title/tt0007801/>

<https://www.imdb.com/title/tt0024991/>

www.imdb.com/title/tt0145132/?ref=tt_mv_close

www.metopera.org/discover/archives/notes-from-the-archives/leontyne-price-a-legendary-met-career/

www.imdb.com/title/tt4144932/?ref=nm_knf_t_2

www.americantheatre.org/2016/05/16/onstage-this-week-may-16-22/antony-and-cleopatra_cincinnati-shakespeare/

www.imdb.com/title/tt8672516/

www.the-numbers.com/movie/Exodus-Gods-and-Kings#tab=summary

www.imdb.com/title/tt1528100/mediaviewer/rm1243153664/

www.omelete.com.br/filmes/gods-egypt-diretor-de-pressagio-em-epico-com-deuses-do-egito

www.omelete.com.br/filmes/gods-egypt-epico-sobre-deuses-do-egito-escolhe-seu-protagonista

<https://encurtador.com.br/brxyQ>

www.boxofficemojo.com/year/2022/?area=BR&grossesOption=calendarGrosses&sort=rank&sortDir=asc&ref=bo_yld_resort#table

https://www.imdb.com/title/tt2638144/?ref=nm_sr_srsrg_3_tt_8_nm_0_q_Bem%2520Hur

https://www.imdb.com/title/tt5431016/?ref=nm_sr_srsrg_1_tt_8_nm_0_q_Os%2520Mandamentos

www.the-numbers.com/box-office-records/worldwide/all-movies/cumulative/released-in-2016

www.the-numbers.com/box-office-records/worldwide/all-movies/cumulative/released-in-2016

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/04/1759482-os-dez-mandamentos-bate-recorde-de-bilheteria-esgotando-salas-vazias.shtml>

<https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>

www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs

g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/05/13/sete-em-cada-10-secretarias-municipais-de-educacao-descumprem-lei-que-obriga-ensino-sobre-historia-e-cultura-afro-brasileira-nas-escolas.ghtml

otal.ifcs.ufrj.br/racismo-epistemico-colonialidade-do-saber-epistemicidio-e-historicidio/

https://www.imdb.com/title/tt0082484/?ref=nm_sr_srsrg_0_tt_8_nm_0_q_A%2520Guerra%2520do%2520Fogo

www.imdb.com/title/tt0120815/?ref=nm_sr_srsrg_3_tt_8_nm_0_q_soldado%2520ray

Boulos Junior, Alfredo História sociedade & cidadania 6ºano / Alfredo Boulos Junior – 3 ed – São Paulo: FTD, 2015

www.flickr.com/photos/manna4u/13956279022/in/photostream/

www.flickr.com/photos/manna4u/13955839722/in/photostream/

sicutincensum.wordpress.com/2019/12/05/chinese-depictions-of-the-life-of-chris

Referências Filmográficas

CLEÓPATRA. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Produção: Walter Wanger. Intérprete: Elizabeth Taylor, Richard Burton, Rex Harrison. Roteiro: Joseph L. Mankiewicz, Ranald MacDougall, Sidney Buchman. EUA: [s. n.], 1963. Dvd coleção pessoal

ÊXODO: Deuses e Reis. Direção: Ridley Scott. Intérprete: Christian Bale, Joel Edgerton, John Turturro, Aaron Paul, Ben Mendelsohn, Ben Kingsley. Roteiro: Adam Cooper, Bill Collage, Jeffrey Caine. EUA: [s. n.], 2014. Disponível em: <https://www.starplus.com/pt-br>. Acesso em: 14 ago. 2023.

DEUSES do Egito. Direção: Alex Proyas. Intérprete: Brenton Thwaites, Nikolaj Coster-Waldau, Gerard Butler, Chadwick Boseman, Rufus Sewell, Elodie Yung. Roteiro: Matt Sazama, Burk Sharpless. EUA: [s. n.], 2016. dvd coleção pessoal.

STARGATE. Direção: Roland Emmerich. Produção: Dean Devlin. Intérprete: Kurt Russell, James Spader, Alexis Cruz, Mili Avital, Jaye Davidson. Roteiro: Roland Emmerich, Dean Devlin. EUA: MGM, 1994. Disponível em: torrent. Acesso em: 4 ago. 2023.

O PRÍNCIPE do Egito. Direção: Brenda Chapman, Simon Wells, Steve Hickner. Produção: Sandra Rabins. Intérprete: Val Kilmer, Ralph Fiennes, Michelle Pfeiffer, Sandra Bullock, Jeff Goldblum, Danny Glover, Patrick Stewart, Helen Mirren, Steve Martin, Martin Short. Roteiro: Philip LaZebnik, Nicholas Meyer. EUA: Fox, 1998. Disponível em: torrent. Acesso em: 29 ago. 2023.

DOUTOR estranho. Direção: Scott Derrickson. Intérpretes: Benedict Cumberbatch, Chiwetel Ejiofor, Rachel McAdams. Marvel Studios, 2016.

GHOST IN THE SHELL. Direção: Rupert Sanders. Intérpretes: Scarlett Johansson, Pilou Asbæk. Paramount Pictures, 201

O NASCIMENTO de uma nação. Direção: D.W. Griffith. Intérpretes: Lillian Gish, Henry B. Walthall, Mae Marsh. Epoch Producing Co., 1915
www.youtube.com/watch?v=PiU9BcYg7Oo&t=856s